

LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS: DO EU-COMUNICANTE AO TU-INTERPRETANTE

READING AND TEXT PRODUCTION: FROM THE COMMUNICATING-ME TO THE INTERPRETING-YOU

Matheus Seiji Bazaglia Kuroda¹
Léa Sílvia Braga de Castro Sá²

1. Estudante de Letras: Português-Inglês da Universidade do Sagrado Coração – Bauru/SP.

2. Orientadora licenciada em Letras: Português-Francês (USC-Bauru), Mestre em Filologia e Língua Portuguesa (UNESP-Assis), Doutora em Comunicação e Poéticas Visuais (UNESP-Bauru). Professora aposentada da UNESP-Marília e Professora Titular da Universidade Sagrado Coração – Bauru/SP.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de analisar a produção e a recepção de textos sob a égide da Análise do discurso, partindo do princípio que estes são atos comunicativos. Para tal, visa-se analisar os limites do esquema tradicional de comunicação de Jakobson, bem como a inter-enunciação da prática discursiva-textual que se efetiva na interação de dois grandes universos (EU-TU). Uma vez explicada a relação entre produtor e receptor de textos, será possível analisar a importância da competência linguístico-comunicativa para re(construir) textos e significados, no qual o escrever está para o ler e este está para aquele, em um processo de dependência.

Palavras-chave: Leitura. Produção de Textos. Sujeitos da Linguagem. Discurso.

Recebido em: 30/05/2013
Aceito em: 14/10/2013

ABSTRACT

This paper has the objective to analyze the production and reception of texts by Discourse analysis, with the assumption that these are communicative acts. For this, it aims to analyze the limits of conventional communication Jakobson, and the inter-utterance-textual discursive practice that effective interaction of two large universes (ME - YOU). After explained the relationship between producer and receiver texts, you can analyze the importance of linguistic and communicative competence to (re)construct texts and meanings, in which the writing is to read and this is for that, in a process of addiction.

Keywords: Reading. Texto production. Subject of Language. Speech.

Introdução

A Análise do Discurso representou um divisor de águas nos estudos das ciências sociais. O esquema elementar de comunicação propõe um estudo simplista da linguagem, que não efetiva uma compreensão holística do ato comunicativo. Com os estudos discursivos, possibilitou uma reforma desse diagrama.

Estabelecendo um paralelo entre essas duas escolas, percebem-se duas maneiras de encarar a linguagem: a primeira vista pelo ângulo do estruturalismo; a segunda sob a égide da Análise do Discurso; divide-se, pois, esse estudo em duas grandes eras: antes e depois da Análise do Discurso.

A comunicação humana, assim como ler e escrever, é um ato complexo que exige aptidão e o desdobramento dos sujeitos envolvidos. Estes, ao entrarem em contato, estabelecem um jogo de palavras e imagens, o que é chamado de jogo discursivo. Logo, o leitor não interage apenas com o texto, mas também com o produtor.

Produzir e receber textos são práticas discursivas de exercício da linguagem, visando a um duelo (ou complemento) de ideias entre leitor e produtor. De acordo com Sá (2013, p. 11), “leitura é caminho – previamente esboçado pelo autor [...]. Leitura é encontro. É aproximação. É choque. É duelo. É uma busca incessante pelo outro (e por si mesmo) que se disfarça e se descobre no ir-e-vir do texto”.

Tendo isso em vista, discutiremos, ao longo deste artigo, como ocorre o processo comunicativo e quais as relações entre produção e recepção de textos. Além disso, ao analisar o processo inter-enuncia-

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

tivo do ato linguageiro, serão levantados aspectos importantes que tangem à competência linguístico-comunicativa e situacional, como determinantes para a atribuição de significados.

O modelo comunicativo de Roman Jakobson

Influenciado pelos estudos de Shannon e (1949) sobre uma teoria que buscava melhorar as transmissões entre aparelhos de telecomunicação, o linguista russo Roman Jakobson criou o modelo comunicativo mais usado nos dias atuais. Para o mesmo, os estudos feitos pelos matemáticos para resolver os problemas dos ruídos poderia se aplicar à comunicação humana. Logo, em 1960, foi divulgada uma primeira proposta de modelo comunicativo (Figura 1).

De acordo com este modelo, o qual é chamado de Esquema Tradicional da Comunicação, existem seis fatores que compõem a comunicação: emissor, mensagem, receptor, canal de comunicação, código e referente.

Chalhub (1993, p.5) diz que um emissor envia a mensagem a um receptor, usando um código para efetuar-la; esta, por sua vez, refere-se a um contexto. A passagem da emissão para a recepção faz-se através do suporte físico que é o canal.

Influenciado pela escola estruturalista, percebe-se que Jakobson esquematizou o processo de comunicação como algo linear e mecânico, como máquinas. Assim, a mensagem é vista como um “pacote” – produzido por um emissor e, caso não tenha ruídos, vai ao encontro de um destinatário. Nesse aspecto, a significação da mensagem é fechada, isto é, autoritária na medida em que não há possibilidades de sentidos.

Uma mensagem não deve ser absorvida como algo de significação autoritária, pois existe uma série de fatores discursivos que influenciam na mesma: a posição social, a ideologia e o contexto, entre outros fatores, determinam como a mensagem será entendida – é o que Michel Foucault determina como Formações Discursivas.

Os mecanismos de qualquer formação social têm regras de projeção que estabelecem a relação entre situações concretas e as representações (posições) dessas situações no interior do discurso: são as formas imaginárias. O lugar assim compreendido, enquanto espaço de representações sociais, é constitutivo das significações. Tecnicamente, é o que chamamos de forças do discurso (ORLANDI, 2011, p. 18).

Porém, a problemática do esquema tradicional de Comunicação não se limita na relação entre emissor e receptor na desfragemen-

tação da mensagem; pressupõe, também, um código inequívoco. Em outras palavras, nesse caso, as línguas naturais eram consideradas como conjunto de signos em que não existe correspondência inequívoca entre significado e significante. Mas, quando expressamos uma mensagem, ela pode ser abordada e interpretada de formas distintas, de acordo com o contexto e a posição tomada. O ser humano tem a liberdade da polissemia. Logo, de acordo com o esquema de Jakobson, as metáforas, hipérboles e eufemismos, entre outras figuras de linguagem, não seriam devidamente interpretadas, justamente por considerar a existência de um código inequívoco.

O modelo comunicativo prega, erroneamente, a existência de um sujeito passivo e estático que desfragmenta o “pacote” de informações. Porém, ao analisar profundamente ao ato comunicativo, o leitor extrapola o nível da superficialidade: ele é o responsável por atribuir significação ao enunciado, de entender os implícitos e fazer inferências. Por esse motivo, o destinatário acabou sendo visto como um coautor, uma vez que este atua na (re)construção de sentidos e na atualização da mensagem.

Análise do Discurso: uma nova maneira de encarar a linguagem

Em um contexto de hegemonia do estruturalismo, surge um movimento intelectual que, ao refletir sobre a escritura, a linguística, o marxismo e a psicanálise, desenha um novo campo do saber, a Análise do Discurso. Parafraseando Orlandi (2001), a análise do discurso gira em torno de uma mesma questão: “Como este texto significa?”. Ela interroga a Linguística pela historicidade que ela deixa de lado; questiona o Materialismo por meio do simbólico; e se demarca com Psicanálise pelo modo como trabalha com a ideologia e o inconsciente. A junção desses componentes resultou em um novo objeto de estudo: o discurso.

Mainueneau (1997) denomina a Análise do Discurso de linha francesa como “encontro de uma conjuntura intelectual e de uma prática escolar”, que se opõe ao rigor hierárquico no estudo da comunicação desenvolvido pelo estruturalismo. Prega-se a ideia de que todo texto tem um sentido camuflado que, para ser desvendado, é necessário ir além da análise do código.

Logo, o discurso é produzido no efeito de sentido entre locutores.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

Para a Análise do Discurso, não se trata apenas de transmissão de informação, nem há essa linearidade na disposição dos elementos da comunicação, como se a mensagem resultasse de um processo assim serializado: alguém fala, refere alguma coisa, baseando-se em um código, e o receptor capta a mensagem, decodificando-a (ORLANDI, 2001, p. 20).

Uma posição teórica baseada no esquema de Jakobson consiste em conceber a linguagem como algo produzido por um emissor ideal, destinado a um receptor ideal, em uma circunstância de produção neutra; acredita-se em um processo de comunicação simétrico. Esse posicionamento prega a ideia de que o ato de linguagem esgota a sua significação em si mesmo. Assim, “Corra da chuva” não quer dizer nada além de “Corra da chuva”.

Os analistas de discurso encaram a linguagem com uma ótica diferente; ela é concebida como algo produzido por um emissor determinado, em um dado momento histórico. Assim, o processo de comunicação não é o resultado de uma única intencionalidade, mas de múltiplas finalidades. Na recepção de um enunciado, por exemplo, é preciso levar em consideração as intenções do emissor, mas também é necessário que o receptor saiba estabelecer uma relação entre a linguagem e seu mundo particular. Logo, a linguagem não tem significação esgotada, pois uma mensagem pode apontar para fora de seu significado.

Um dado ato de linguagem pressupõe que nos interroguemos a seu respeito sobre as diferentes leituras que ele é suscetível sugerir. Parafraseando Charaudeau (2008), isso nos leva a considerar a linguagem como um objeto duplo, constituído de um Explícito (o que é manifestado) e de um Implícito (lugar de sentidos múltiplos que dependem das circunstâncias de comunicação).

Nesse caso, os seres da fala devem desenvolver uma competência múltipla, que não se baseia em ser apenas uma maneira de representar o mundo por um explícito languageiro; mas em recriar o mundo por meio de uma totalidade que inclui o contexto histórico-social e as relações interpessoais entre o emissor e o destinatário.

Logo, pode-se resumir que a linguagem é uma interação entre o homem, a sua cultura e sua realidade histórica.

Um ato inter-enunciativo

Na proposta defendida por Jakobson, existia uma simetria da comunicação. Atualmente, as novas teorias apontam para uma assimetria. Isto é, acredita-se que o destinatário levanta uma série de hipóteses sobre a intenção do emissor, estabelecendo um jogo de imagens.

Analisando essa assimetria, Charaudeau (2008) diz que a prática discursiva se desenvolve em dois grandes universos: Universo de discurso do EU e o Universo do discurso do TU.

Acredita-se que a instância do TU não é apenas um mero “setor” de recepção de mensagem, mas também é responsável por construir interpretações. Acrescenta, ainda, dentro deste universo, a existência de dois TU’s: um TU destinatário (TUd) responsável pela recepção; e um TU interpretante (TUi) incumbido de fazer abstrações e interpretações.

Da mesma forma que o TU, o EU se desdobra em dois EU’s: o EU comunicante (EUc) e o EU enunciador (EUe). O EUc é o ser social que se transforma em um EUe para adotar uma postura no ato linguageiro, isto é, o EUe é uma imagem do enunciador criada pelo sujeito produtor da fala e subentendido na sua intencionalidade enquanto produtor; é o *ethos* que o sujeito comunicante se transforma para produzir seu discurso.

Logo, como propõe Sá (2013, p. 44), ao refletir sobre Charaudeau, estes são os quatro sujeitos participantes de um ato linguageiro:

- EUe: é uma imagem de enunciador construída pelo sujeito produtor da fala (EUc);
- TUd: sujeito interlocutor do ato de linguagem, não é simplesmente um receptor de mensagem, mas um sujeito que constrói uma interpretação sob o ponto de vista que tem sobre as circunstâncias de discurso sobre o EU;
- TUi: não é o mesmo que o TUd ao qual se dirige o EU. Consequentemente, o TUi, ao fazer a interpretação, reflete o EU com uma imagem EUc diferente daquela que o EU acreditava ter;
- EUc: sujeito produtor da fala.

É nesse jogo que a prática comunicativa e discursiva se desenrola; o ato de comunicação não deve ser visto como resultante da simples interação entre emissor e destinatário, mas como um encontro dialético entre dois universos: produção (EU) e interpretação (TU). O ato de linguagem, então, passa a ser visto como um ato inter-enunciativo desenvolvido por quatro sujeitos, que atuam em dois grandes universos.

O TUd é o destinatário ideal fabricado pelo EU, adequado ao seu ato de comunicação. Logo, sempre haverá um TUd presente no ato de linguagem que sofre total domínio do EU. O TUi é um sujeito que atua fora do ato de linguagem propriamente dita, porém, ele tem um papel crucial nesse processo: o ato linguageiro engloba processos de produção e interpretação; o TUi é o responsável pela interpretação sem influências do EU.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

É o que se observa:

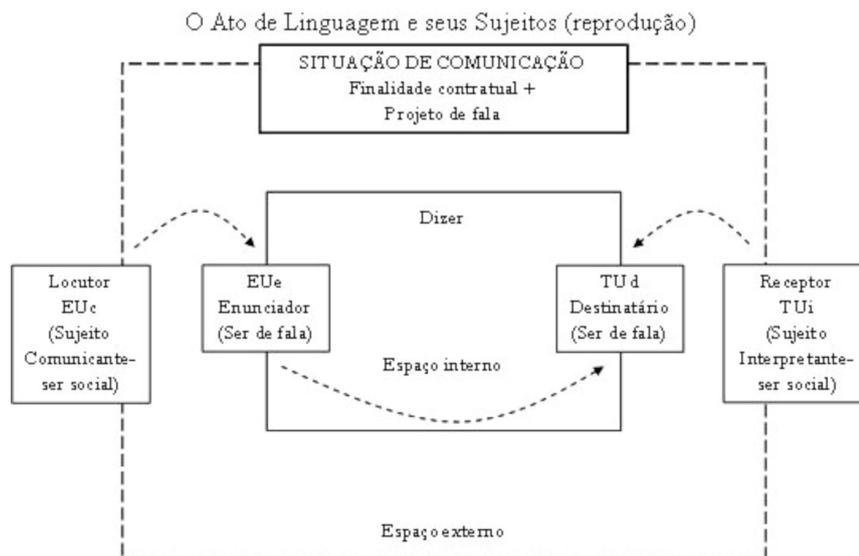


Figura 1 - Situação de Comunicação

Analisando as funcionalidades dos sujeitos da linguagem, é nítida a existência de dois circuitos: circuito da fala configurada (espaço interno) e circuito externo à fala configurada (espaço externo). Nesse esquema, o espaço interno se caracteriza por ser o local onde os seres da fala se encontram, isto é, o ponto em que o EUE e o TUD se localizam no ato discursivo; o espaço externo é onde os sujeitos agentes EUC e TUI atuam, influenciados pelas forças sociais e pela organização ideológica (individual ou coletiva) do mundo.

O circuito da fala configurada é construído por seres oriundos de um saber intimamente ligado às representações languageiras das práticas sociais; e o circuito externo à fala configurada está relacionado a um saber da organização do “real” que sobredetermina os sujeitos.

Essas características ficam nítidas nas atividades de produção e leitura de textos. Segundo Charaudeau (2008, p.63),

Analisar um texto não é nem pretender dar conta apenas do ponto de vista do sujeito comunicante, nem ser obrigado a só poder dar conta do ponto de vista do sujeito interpretante. Deve-se, sim, dar conta dos *possíveis interpretativos* que surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos dois processos de produção e interpretação. O *sujeito analisante* estará em uma posição de *coletor* de pontos de vista interpretativos e, por meio da comparação, deve extrair constantes e variáveis do processo analisado.

Com o esquema de Charaudeau, em substituição à teoria de Jakobson, percebeu-se que a disposição desses quatro sujeitos constitui um

elemento indispensável nos estudos textuais e semânticos. Esse novo modo de encarar a linguagem em atividade deu legitimidade à ideia de que todo enunciado é plural e rico em significações. Nessa perspectiva, Maingueneau acrescenta que “a pessoa que interpreta o enunciado reconstrói seu sentido a partir de indicações presentes no enunciado produzido, mas nada garante que o que ela reconstrói coincida com as representações do enunciador” (MAINGUENEAU, 2011, p.20).

As atribuições dos sujeitos da Linguagem na atividade textual

O texto é uma obra inacabada. Ele sempre está em processo de renovação e atualização, isto é, o leitor, ao se deparar com a leitura, constrói e reconstrói significados e ideias. Assim sendo, vale discutir as várias formas de encarar a leitura baseado no esquema comunicacional de Charaudeau.

Na prática discursiva, segundo o mesmo, o emissor se desdobra em 2 sujeitos da linguagem: EUC e EUE; sendo que o primeiro é um ser social, enquanto o segundo é considerado como um ser da fala.

O EUC, por estar em contato intrínseco com a vida cotidiana, é o sujeito alvo das diferenças sociais. Ele recebe as várias vozes sociais e entra em contato com as mais variadas questões ideológicas e psicológicas.

Logo, um produtor de textos que se limita em ser um EUC apresenta uma voz passiva. Isto é, ele apenas reproduz os discursos sociais, aceitando sua possível situação de subserviência. Falta, para este sujeito da linguagem, subjetividade, opinião e criticidade.

[...] quando falamos em subjetividade, não podemos perder de vista que ela é formada a partir da materialidade constituída pela manifestação dos vários discursos, instituindo um *eu* plural, o qual, por sua vez, manifestará, num movimento espiralado, sua reelaboração dos discursos, utilizando-se, para isso, da matéria-prima com a qual os discursos – o que ele “recebeu” e ao que elaborou – se formam: as palavras, os signos da sociedade em que esses discursos circulam (BACCEGA, 2007, p. 23).

Para Sírio Possenti (1993), o indivíduo que se situa como EUC não é dono de seu discurso e de sua vontade: sua consciência é produzida de fora e ele pode não saber o que se faz ou o que se diz; repetindo, pois, outros discursos. Quem fala, neste caso, é um sujeito social anônimo que só diz e faz aquilo que é exigido devido à posição em que se encontra – o que é chamado de assujeitamento.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

Por outro lado, quando um produtor de textos deixa de ser um EUc para se tornar um EUE, ele passa a ter uma voz ativa. Isto não é descartar a função do primeiro; é preencher o vazio que ele deixa. Este sujeito absorve todas as vozes que recebe como comunicante e refrata um novo discurso baseado no seu ponto de vista e nos seus conhecimentos empíricos; podendo, pois, criticar, refutar, apoiar ou indagar os discursos já existentes que vagam no teatro da vida social.

Um bom produtor de textos, se falando em conteúdo, é aquele que atinge o nível da enunciação, se transformando em um ser consciente e que tem domínio das práticas sociais e ideológicas nas quais as sociedades estão condicionadas.

Na recepção dos discursos, por sua vez, Charaudeau “transforma” o destinatário em outros dois sujeitos da linguagem: TUD e TUI.

Da mesma forma que o EUc, o TUD é um ser social e real que tem a simples função de receber o discurso de um determinado EUE e absorver de forma autoritária. Na leitura, quando alguém se depara com uma obra escrita e não consegue fazer uma associação de ideias, este ser está estagnado no nível mais básico do processo comunicacional, ou seja, é um TUD. Este sujeito não consegue refletir e estabelecer links entre a mensagem, a leitura e a vida corriqueira, estagnando-se no nível da denotação. Aqui, o texto é visto por uma ótica simplista, superficial, na qual o cotexto se encontra como uma única fonte de informação ou mensagem. Nesse caso, a simples desfragmentação é o suficiente, embora seja minimalista.

O TUI é um sujeito de competência linguístico-comunicativa. É um ser virtual, indispensável na prática discursiva. Ao receber um discurso, ele reflete, faz associações de ideias, atinge o nível da conotação e faz uma apreciação da mensagem. De certa forma, este sujeito consegue vincular a leitura com um contexto, desenvolvendo a capacidade situacional.

É nesta transição entre o TUD e o TUI que muitos jovens do ensino fundamental e médio se encontram com dificuldades. Um bom leitor extrapola o nível denotativo e alcança o nível conotativo (discursivo), estabelecendo relações intertextuais e interdiscursivas. Em outras palavras, ele deixa de ser um ledor (TUD) para se tornar um leitor (TUI), pois este sujeito é o apogeu e o ponto-chave da produção textual.

De certa forma, o leitor e o produtor de textos precisam ter, além do mais, competência em “dominar” a enunciação e a recepção de vozes. Isso os permite se transformarem, respectivamente, em EU-enunciador e TU-destinatário.

Como já foi explícito, os textos são obras inacabadas, nas quais o Eu enunciador fornece matéria-prima (material linguístico

e pistas extratextuais) e o leitor constrói e reconstrói significados. Assim sendo, este, TU interpretante, se transforma, de acordo com as teorias da Estética da Recepção, em um coautor.

Assim, o texto é um lugar de interação entre sujeitos sociais, empenhados em uma atividade sociocomunicativa. É claro que esta atividade compreende um “projeto de dizer”, exige do interpretador uma participação ativa na construção do sentido, por meio da mobilização do contexto, a partir das pistas e sinalizações que o texto lhe oferece. Produtor enunciador e interpretador são, portanto, “estrategistas”, na medida em que, ao jogarem o “jogo da linguagem”, mobilizam uma série de estratégias – de ordem sociocognitiva, interacional e textual – com vistas à produção do sentido (KOCH, 2002, p.19).

Leitura e Produção de textos: reflexões sobre a inter-enunciação

Da mesma forma em que um produtor de textos que se baseia em ser apenas um EUC possui uma voz passiva e sem subjetividade crítica, o leitor que ocupa um papel de ledor (TUd) não consegue captar todas as sugestões que o texto traz. Talvez essa seja a grande realidade das escolas brasileiras. Muitos alunos não conseguem desenvolver competências linguístico-situacionais para poder desvendar os mistérios da atividade textual.

É necessário que haja bons leitores para que existam, de modo consequente, bons produtores de textos. Para isso, a formação escolar destes é imprescindível para a realização de tais atividades. A comunicação e linguagem, sendo atos inter-enunciativos desenrolados por quatro sujeitos, fazem com que haja a necessidade de que o leitor seja o mais eficiente possível, para que, acompanhado com um saber consolidado, ele consiga vencer o jogo de implícito e explícito.

Talvez o grande déficit esteja na falta de “cultura” (no seu sentido mais pobre, como falta de conhecimento), pois, em uma contemporaneidade em que as informações são servidas como pacotes e de forma instantânea, as pessoas não são mobilizadas e não se sentem motivadas a enfrentar algo complexo – o jogo discursivo. Para eles, encaixar as peças é complicado uma vez que as informações já são servidas enxugadas.

É necessário, então, reavaliar a verdadeira função da educação. O segredo é não educar para as novas tecnologias, mas sim formar para enfrentar e conhecer o mundo. Só a subjetividade e o conhecimento oferecerão recursos cabíveis à prática discursiva, fa-

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

zendo com que leitores e produtores de textos se transformem, de forma respectiva, em TU_i e EU_e.

Quem tem o olhar TU_d consegue captar apenas aquilo que é visível (que é óbvio); é a simples desfragmentador de textos, pobre de competência linguística. Por outro lado, um TU_i consegue ir mais além – ele é capaz de perceber aquilo que fica por detrás dos bastidores, aquilo que alguém “diz pelo não dito”.

Saber ler e escrever é saber (re)construir significados. Não existe uma simples emissão de mensagem, bem como não há passividade nesses atos; é necessária força ativa por parte desses sujeitos para mobilizar seus conhecimentos e captar as condições ideológicas e contextuais que estão a sua volta.

Considerações finais

Uma vez analisada a comunicação humana sob a égide de duas escolas distintas (Estruturalismo *versus* Análise do Discurso, representada respectivamente por Jakobson e Charaudeau), percebeu-se que o ato comunicativo é uma atividade complexa. Não se baseia apenas na simples emissão de uma mensagem de um emissor a um destinatário; o conceito vai além. Com os estudos de Charaudeau, foi elaborada uma nova proposta para resolver todas as problemáticas apontadas no esquema Roman Jakobson e seu esquema tradicional da comunicação. Agora, o ato languageiro é visto com um ato inter-enunciativo, isto é, desenvolvido por vários sujeitos (não apenas pelo emissor e receptor), que se entrelaçam e criam vínculos, sustentando o jogo discursivo – Implícito/Explícito.

Assim, de acordo com Sá *et al.* (2013):

Comunicar é proceder a uma encenação que envolve o encontro dialético entre dois processos: o processo de produção, criado por um EU-comunicante e dirigido a um TU-destinatário, e o processo de interpretação, criado por um TU-interpretante que constrói uma imagem do locutor, o EU-enunciador.

Da mesma forma, nos estudos textuais, no que se diz a respeito de leitura e produção de discursos, essa mesma dinâmica é ativada; na situação de comunicação construída pelos textos, devem existir os mesmos quatro sujeitos da linguagem propostos por Charaudeau. Assim, um bom produtor de textos é aquele que, ciente do seu papel social (EU_c), dirige suas palavras de forma subjetiva (EU_e) a um emissor ideal e premeditado (TU_d), o qual deve digerir o texto e elevá-lo ao nível da interpretação (TU_i). É necessário, então, para

que esse circuito funcione, que os seres humanos desenvolvam competências linguístico-comunicativas, para terem percepção e entenderem aquilo que o texto “quer dizer” e daquilo que ele “não quer dizer”, bem como o que ele “sugere dizer”.

O ideal é, então, extrapolar a existência dos sujeitos EUc e TUD, mas sem negar a sua importância no ato comunicativo. Assim, será justamente essa competência situacional que possibilitará que o produtor se transforme em um EUE, da mesma maneira que oferecerá recursos para que o leitor se desdobre em um TUi.

Nada melhor do que a prática e o exercício repetitivo e agradável da leitura para adquirir essa habilidade. Quem lê frequentemente tem a sensibilidade para olhar para o mundo de forma mais crítica e consciente, aumentando suas perspectivas e expandindo seus horizontes. Um leitor que atinge o nível do TUi é capaz de captar todas as circunstâncias que envolvem o enunciado, capaz de (re)construir interpretações. Assim, quando esse mesmo sujeito inverte os papéis e se coloca na posição de produtor de textos, ele tem, em suas mãos, todos os recursos discursivos prontos para serem usados; terá o conhecimento de mundo necessário para construir um texto de forma eficiente, pois terá desenvolvido em si a competência linguístico-comunicativa, além de ter uma grande bagagem de conhecimento. Logo, na dinâmica que esse jogo do linguajar proporciona, é possível afirmar que um bom leitor é, por consequência e ao mesmo tempo, um bom produtor de textos.

Referências

BACCEGA, M. A. **Palavra e discurso: história e literatura**. São Paulo: Cortez, 2007.

CHALHUB, S. **Funções da linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1993.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. V. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

KURODA, Matheus Seiji Bazaglia; SÁ, Léa Sílvia Braga de Castro. *Leitura e Produção de Textos: do EU-comunicante ao TU-interpretante.. Um novo olhar sobre a creche na perspectiva da psicologia escolar educacional*. Mimesis, Bauru, v. 34, n. 2, p. 233-246, 2013.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em Análise do Discurso**. 3ª ed. Campinas: UNICAMP; São Paulo: Pontes, 1997.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Fontes, 2001.

POSSENTI, Sírio. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

SÁ, L. S. B. C; ARANTES, H. A. G; CASTRO, A. B. B. **Dos alicerces da leitura à construção do texto**. Bauru: Edusc, 2013.

SHANNON, Claude; WEAVER, Warren. **The Mathematical Theory of Communication**. Illinois: Illini Books, 1949

